

## ENTREVISTA: Maria Angela D’Incao

*Depoimento de Maria Angela D’Incao, Doutora e Pesquisadora na área de Sociologia, Concedido, em maio de 2013, à Editoria da Revista Científica Gênero na Amazônia.*

**RE – Quando iniciou suas atividades acadêmicas – ensino, pesquisa, extensão, editoração de livros (UNESP/UFPA)?**

**MAD** – Iniciei minhas atividades acadêmicas no ano de 1966, em Presidente Prudente, SP<sup>1</sup>, que à época era um Instituto Isolado, uma Faculdade de Filosofia – como tantas outras que hoje compõem a UNESP. A Faculdade de Filosofia/PP tinha, entre outros cursos, o de Ciências Sociais e foi a ele que me dirigi após a minha formatura no ano anterior, na Universidade de São Paulo.

<sup>1</sup> Minha família era de Presidente Venceslau e eu procurava um local para ficarmos próximos. Além do mais, meu namorado, que viria a ser meu marido, também era da região e programamos nos casar e viver por lá.

Tinha como apresentação uma carta, entre outras, do Florestan Fernandes, meu professor que atestava minhas capacidades como sua estudante. Contou também, nesse momento, a presença de minha irmã, a socióloga Maria Conceição D’Incao que lá já estava trabalhando.

Nesse período inicial passei anos preparando aulas que eram muitas e variadas. Éramos poucos no departamento de Sociologia e esperavam tudo de uma jovem professora. As aulas variavam de Metodologia e Pesquisa as Sociologias teóricas e do desenvolvimento. Além disso, havia uma demanda dos alunos sobre orientações e leitura do Capital e outros autores como Rosa Luxemburgo. Assim, nos primeiros anos de trabalho, não havia pesquisa, tão somente leituras e preparação de aulas. Foram anos de muito aprendizado sobre os clássicos de Sociologia e os atores nacionais, tanto de sociologia quanto de economia desenvolvimentista.

Era a época da Ditadura Militar e sofri juntamente com outros colegas da faculdade uma investigação militar. Os membros da comissão militar estavam implicados, entre outras coisas, com a presença, em

minha bibliografia programática, do livro de Maurice Dobb, *A Evolução do Capitalismo*. Tivemos que depor e explicar nossa bibliografia considerada tão radical. Saímos fortalecidos desse momento horrível, mas é bom não esquecer o sofrimento que passamos e as incertezas que nos rodearam por todo o tempo.

De qualquer modo, reputo esses anos como extraordinários em minha formação e a presença da ditadura, com todos os seus horrores, mostraram-me muito de nosso país, e assim, aprendi a preencher lacunas possíveis durante o regime de ferro. Uma delas foi desenvolver programas de estudos, cursos de extensão universitária, conferências e palestras sobre temas emergentes no país e nas Ciências Sociais. Assim, entrando em contato com colegas de São Paulo, cassados ou não pelo regime militar, formulamos palestras e conferência sobre os índios, o desenvolvimento do país, a importância das ciências para a compreensão da Sociedade, entre outros. Aí pode ter começado esse gosto que tenho de organizar debates e discussões de temas relevantes a compreensão de tópicos com diversidade de posições.

Um pouco mais tarde se colocou a necessidade de fazer um doutorado, aí começaram as pesquisas. Passei a viajar de ônibus uma vez por semana, 600 km, para assistir ao curso de pós-graduação que fiz com Maria Sylvia Carvalho Franco, na USP. Disso derivou um doutorado, pelo regime antigo, para o que pesquisei e escrevi uma tese sobre os empresários rurais na Alta Sorocabana. O tema central foi o de relacionar a grande extensão de terras nas mãos de poucos e o baixo rendimento por hectares a formas empresariais, que buscavam sempre quantidades de terra maiores e não propriamente de desenvolvimento da área rural. Procurava entender a racionalidade (Maurice Godelier) desses empresários, proprietários, os mais diversos, presentes na região em questão que é, até hoje, a mais pobre região do Estado de São Paulo.

Depois de meu doutorado continuei viajando para reciclar-me profissionalmente. Foi assim que estagiei na Universidade de Oxford (1980-5) onde, sem dúvida, estive, pela primeira vez em minha vida, longe

das intermináveis reuniões de departamento e burocracias universitárias. Assim o tempo para estudar, pesquisar e escrever sobre temas que me interessavam nessa nova fase de minha vida foi das coisas mais gratificantes. Entre esses temas está o da família, tema de meu projeto para estagiar na Inglaterra onde desenvolvi e aprendi grandemente com estudos e novas leituras, contatos e novas maneiras de pesquisar, escrever e me relacionar em uma Universidade extraordinária. Foram anos centrais em minha vida de pesquisadora.

**RE – Na área do ensino de (e/ou outra do Capitalismo das Ciências Sociais), quando e como você iniciou a desenvolver os estudos sobre a questão da mulher e as teorias de gênero? Houve algum fato que a conduziu para esses estudos?**

**MAD –** Os estudos de família me levaram, sem dúvida, à temática da mulher e das teorias sobre relações de gênero.

Em Oxford, em busca de interlocutores para a minha pesquisa sobre o tema da família e com minha pouca experiência inicial com a língua inglesa, frequentei – por orientação de Hermínio Martins<sup>2</sup>, naquele tempo o colega que cuidava de minha inserção na Universidade – o seminário que acontecia no Queen Elizabeth House (QEH)<sup>3</sup> sobre temática da mulher. Frequentei durante minha estadia em Oxford o seminário semanal organizado por um conjunto de antropólogas. Foi, na verdade, a primeira vez que compreendi a grandeza que o tema do trabalho trazia para as questões das relações de gênero, tanto nas sociedades tradicionais quanto nas contemporâneas.

O debate sobre trabalho e mulher em diversas localidades das sociedades não capitalistas

<sup>2</sup> Hoje, Herminio Martins é Emeritus Fellow, St Antony's College, University of Oxford e Pesquisador Honorário no Instituto de Ciências Sociais, na Universidade de Lisboa. Grande pesquisador sociólogo e filósofo que tem escrito sobre modernidade, tecnologia, entre outros. Tive a honra de me tornar sua amiga por todos esses anos desde o nosso conhecimento inicial.

<sup>3</sup> Teve uma duração de cerca de dez anos, mas, a partir de 1983, o grupo deixou de existir como tal, dando lugar ao International Gender Studies Centre (IGS), também em Queen Elizabeth House com vários cursos de mestrado e outros.

quer na China, na África ou inclusive na Índia, foram muitíssimo úteis na compreensão dos grupos familiares. Além disso, muitos dos seminários eram históricos sobre o tema da mulher no passado. Aprendi

<sup>4</sup> Muitos autores tratam dessa questão histórica, pela qual se sabe que uma das primeiras representações divinas criadas pelos seres humanos foi a figura da “Deusa” – a “mãe terra”. Conforme a mitologia grega, a Grande Mãe criou o Universo sozinha sendo Gaia criadora primária, a “Mãe Terra”. Trato desse tema em um artigo a ser publicado. Além disso, Rosângela Angelin, no texto *Gênero e Meio Ambiente: a atualidade do eco feminismo*, aborda muito bem a questão.

muito com esse grupo de mulheres da academia. Seminários com imagens e alegorias que mostravam a grandeza da mulher no passado e o quanto as relações capitalistas transformaram essa grandeza em subalternidade<sup>4</sup>. Esse grupo chefiado por antropólogas sociais, entre elas Shirley Ardener (casada com o brilhante antropólogo Edwin Ardener), marcou muito minha visão do feminismo e das relações de gênero nas sociedades tradicionais e contemporâneas. Até aí, não me ocorria estudar gênero e relações com a subalternidade da mulher.

**RE – Quais as principais linhas do estudo sobre mulher e gênero que você tem desenvolvido até hoje? É possível situar no tempo, as preocupações acadêmicas sobre essas linhas? E hoje, qual a linha central de suas inquietações?**

**MAD** – Na verdade, acredito que minha inclinação aos estudos sobre mulher e gênero apareceu mais fortemente na Amazônia, precisamente em Tucuruí, no Pará. A constituição de casais sendo a mulher bem mais jovem que o homem tocou-me profundamente e, então, procurei entender essa questão. Decorrente dessas inquietações, escrevi um artigo intitulado *Sobre o Amor na Fronteira* que está publicado no primeiro livro que organizamos juntamente com Maria Luzia Alvares, para o GEPEM e o Museu Goeldi, na coleção Eduardo Galvão em 1995.

Acredito que, após essa visão, passei a observar o tema. E nas entrevistas sobre família que fizemos na Travessa Cumaru, em Igarapé

Açu, e também em Uraim e São João do Capim, elaboramos questões intencionando investigar o trabalho e a presença da mulher como pessoa ativa na agricultura camponesa e não unicamente como dependente do trabalho do homem.

Desenvolvi os estudos sobre família na literatura brasileira optando pela chamada análise dos sentimentos. Creio que essa linha de análise foi bastante frutífera e sempre procuro essa perspectiva em minhas análises sobre a mulher. Ela prioriza as emoções e as relações com as emoções.

A minha maior inquietação hoje se situa no ainda presente desprestígio das mulheres nas relações amorosas. Isto é percebido tanto na situação das mulheres que não se casam quanto em situações onde as mulheres são contestadoras ou pobre ou negras. Este tema é recorrente, tanto nas situações das uniões e separações quanto nas situações de crimes contra a mulher, entre outros. O fato de elas serem consideradas “de vida fácil”, então, é profundamente negativo nas avaliações dos próprios crimes. O custo da vida da mulher é muito baixo neste país. Um estudo das leis no que toca à mulher seria um estudo que gostaria de ver feito. A promotora Luiza Nagib produziu um livro importante nessa direção, **A Paixão no banco dos réus**.

**RE – Principais correntes que você tem estudado na questão da mulher e teorias de gênero? A seu ver, houve mudanças nesse eixo de estudos e pesquisas?**

**MDA –** Quanto aos meus trabalhos, pratico um pouco de antropologia social aliada à formação que tive como socióloga. Acredito que as relações de gênero pedem visões que consigam focalizar o tema das mulheres e procurem compreender, de modo sistêmico, as relações que elas mantêm com a sociedade maior. Além disso, é preciso, em primeiro lugar, ter um problema que se queira investigar.

No caso dos estudos de gênero, pode-se dizer que, no Brasil, como no resto do mundo, que antes era um tipo de estudo denunciativo, hoje ele

se refere mais à compreensão das posições e relações dentro do sistema maior. Assim, os estudos feministas, até os anos 70, tinham como objeto central “a mulher” no singular. Os trabalhos produzidos neste período tinham a preocupação de explicar as causas da opressão feminina, da subordinação da mulher na história do patriarcado. A partir de meados dos anos 70, há uma mudança de enfoque: de mulher para mulheres. O conceito de gênero é pensado como uma construção social das identidades sexuais e como objeto de estudo das feministas. Com isso, os estudos de gênero se constituem um avanço na compreensão de que é preciso desconstruir, desnaturalizar o masculino e o feminino. E daí, compreender a problemática dentro de um conjunto de relações significativas em um sistema social, cultural determinado.

Antes, se procurava causas universais e questões de origem. O patriarcado ou o capitalismo? Patriarcado capitalista? Capitalismo patriarcal? Eram questões que o debate produziu.

A partir de 1970, os conceitos de classe, raça, gênero e as diferenças entre mulheres foram introduzidos e não apenas as desigualdades entre homens e mulheres, mas também entre mulheres e entre os homens. Então, gênero começa a ser pensado como um dos elementos constitutivos das relações sociais, que se articula com outras categorias configurando situações de gênero específicas.

Assim, as discussões sobre gênero entram na explanação científica das diferentes ciências sociais que trabalham gênero nas diferentes sociedades ou grupos humanos. Coloca-se a necessidade de compreender a constituição de certo sistema social e as específicas relações – aspecto relacional – que, juntamente com outras categorias, determina certo tipo de relações de gênero não mais a essencialidade universal da questão.

A minha vivência em Belém de 1993 a 1997 foi muito rica e decisiva nas minhas pesquisas sobre a temática da mulher e relações de gênero. Minha relação com as colegas de lá me indicaram a importância do tema, quando organizamos e publicamos um volume intitulado **A Amazônia**

e a crise da Modernização (MPEG, 1994) o qual, entre outros, também discutiu o tema das relações de gênero<sup>5</sup>.

Tenho tentado mostrar o papel da mulher na produção agrícola, mas não só. Também focalizo a questão da fronteira. É o caso do artigo “*Sobre o amor na fronteira*” publicado no volume **A Mulher Existe?** (GEPEM, 1995). Este trata da questão da busca de uma união economicamente estável entre mulheres pobres na vivência de uma situação de transformação do mundo tradicional, dada uma economia de rápidas transformações igual à que a Amazônia sofreu com a economia chamada de enclave.

Em 1997, publicamos um artigo no volume **Mulher e Modernidade na Amazônia**, tomo I, onde analisamos os distintos grupos presentes na Amazônia.

O artigo publicado juntamente com Humberto Cotta Júnior, “Transformações e permanências no espaço feminino”, no volume **Mulher e Modernidade na Amazônia**, tomo II (Letras a Margem, 2001) mostra como o trabalho na agricultura é mistificado e ocultado por muitos. Além disso, estão para serem publicados mais alguns artigos sobre a pesquisa que fizemos em Igarapé Açu e em Uraim constantes de pesquisa efetuada há cerca de 10 anos e que só agora está sendo preparada para ser publicada, por motivos de natureza pessoal.

Quanto às teorias, acredito que as relações de gênero pedem teorias que deem conta de focalizar o tema das mulheres e procurem compreender, de modo sistêmico, as relações que elas mantêm com a sociedade maior e com o poder.

**RE – Você considera importante os estudos atuais sobre diversidade social e a conexão com as demais áreas das ciências de um modo**

<sup>5</sup> Fruto de uma Conferência Internacional patrocinada e apoiada pelo Departamento de Ciências Humanas do Museu Emilio Goeldi. Foram muitas as pessoas que apoiaram a Conferência além dos colegas que me acolheram no Museu. Além disso, também sou grata aos colegas do curso de Antropologia da UFPA que sempre ocuparão um lugar central em minhas melhores lembranças de Belém.

**geral (ciências da terra, as da saúde, as da tecnologia & informação etc) nas questões relativas a gênero, raça, geração e classe social?**

**MAD** – A diversidade social sempre foi um tópico essencial na visão da Sociologia, Antropologia e das demais Ciências Sociais. Ela é essencial na compreensão das relações de gênero nas distintas sociedades e os aspectos constitutivos dos demais aspectos sociais têm importante significado.

**RE – Quais os principais autores que você utiliza nesses estudos? Pode discorrer sobre essas contribuições?**

**MAD** – Os Autores, evidentemente, são muitos, variados e fazem parte de toda a formação da Antropologia e da Sociologia. Seria um tanto longo, mas, sobre o tópico da mulher, gostaria de enfatizar que priorizo muito os trabalhos de natureza histórica e os que tratam das relações amorosas e as de poder dentro das sociedades, além da educação feminina. Ainda é importante a compreensão do conceito de relações que todo grupo humano apresenta.

**RE – Considerando sua contribuição na pesquisa brasileira sobre gênero, amor, casamento e conjugalidades, quais os seus trabalhos importantes para as discussões sobre a diversidade social?**

**MAD** – Bom, a diversidade social pode ser talvez vista em estudos que consideram as diferenças sociais e culturais de uma sociedade. O meu trabalho sobre Família na Literatura, editado pela Brasiliense, talvez seja meu trabalho mais importante. O método que desenvolvi de estudar o passado por meio da sociabilidade constante na literatura já rendeu bons frutos. Destaco o trabalho de Mauro Viana Barreto sobre a Amazônia de Inglês de Souza. Um belíssimo trabalho feito para mestrado em Antropologia na UFPA. Muitos outros artigos de análise de romances foram produzidos no mesmo mestrado. O conceito de sociabilidade desenvolvido sem dúvida expõe a natureza das relações sociais.



**RE – No seu ponto de vista, há avanços na mudança de olhar as mulheres brasileiros/as?**

**MAD** – De um modo geral, sim. Evidentemente se tem que analisar essa questão dentro de múltiplas circunstâncias, nas quais o passado não pode ser menosprezado. Obviamente, que as mulheres continuam ganhando menos que os homens e que continuam sofrendo o assédio sexual em muitas situações. Todavia, hoje não se pode negar que as mulheres têm papel importante na sociedade brasileira, tanto pela educação mais primorosa que a os homens quanto no afincio com que encararam uma profissão e seu papel concomitante de chefes do lar.

Talvez, também, seja bom lembrar que o Brasil não é particularmente um país tradicionalista, apesar de cruel com as mulheres fora das regras e pobres. Assim, as mulheres brasileiras em muitos aspectos podem inovar e lutar por posições melhores. Uma vista nos movimentos sociais de mulheres mostra a grande afluência a esses movimentos reivindicatórios. Esses talvez sejam elementos que esclarecem a melhora da visão sobre as mulheres.

Caminhamos, também, para uma crítica grande aos meios de comunicação que usam imagens de mulheres para consumo de bebidas ou outras mercadorias.

Outro indício da melhoria das condições das mulheres é o quanto o número de pessoas sós, os *singles*, tem crescido no país. Muitas mulheres, mas não só, os homens e gays também, estão distantes do casamento como única opção de futuro. Ao contrário, a profissão se coloca como condição mais importante na construção do devir. É claro, que a busca de um companheiro sempre está presente em todos os gêneros, mas a dissolução de uma união também é sempre uma possibilidade.

**RE – E sua inserção nos grupos e núcleos de estudos de gênero?**

**MAD** – Eu, na verdade, participo do GPEM, ainda que a distância, e de uma ONG que trata de questões culturais e educacionais. Nesta

ONG, trabalhamos também com temas de gênero. Assim, tenho feito conferências, orientado algumas teses e escrito bastante. Estou agora a terminar a escrita de artigos e livros de minha pesquisa aí na Amazônia. Tenho escrito para jornais, o que me atrai muito escrever sobre temas emergentes.

---

---

**Maria Ângela D’Incao** estudou no curso de Ciências Sociais na USP e fez Pós-Doutoramento na Universidade de Oxford – Inglaterra. É professora na UNESP, Pesquisadora na área de Sociologia e consultora nos estudos de camponeses e família rural e urbana, com ênfase na região amazônica. Pesquisadora filiada ao GEPEM/UFPA. Desenvolve estudos comparativos de família, relações entre globalização no Brasil e relações internacionais. Além disso, é organizadora de diferentes eventos acadêmicos nacionais e internacionais. É autora de livros e editora. Entre seus livros, no período 2001-2010, destacam-se: *Mulher e Modernidade na Amazônia, tomo II* (org.); *Diversidade Biológica e Cultural da Amazônia* (org.); *O Brasil não é mais aquele... Mudanças sociais após a redemocratização*; *Uma Região, uma Cidade e sua Gente*; *A Amazônia e a Crise da Modernização* (org.); *Democracia, Crise e Reforma: estudos sobre a era FHC* (org.).

**E-mail:** [madincao@uol.com.br](mailto:madincao@uol.com.br)

---

---